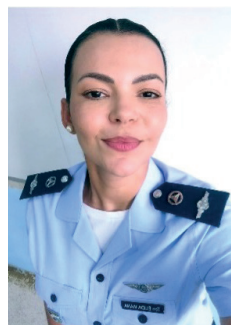


Capítulo 3

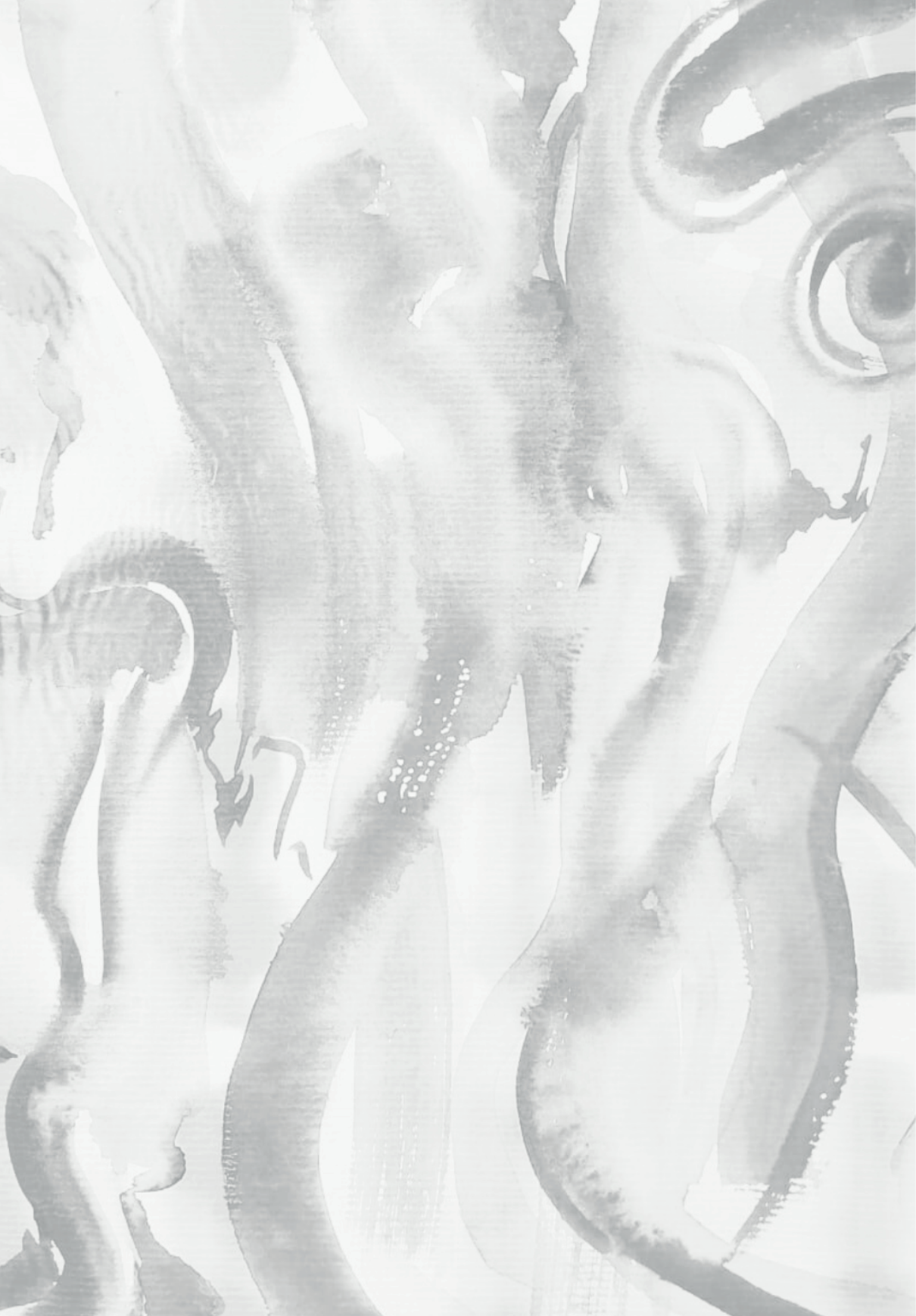
ENTRE SONHOS, DESAFIOS E CONQUISTAS: REFLEXÕES SOBRE MEU PERCURSO DE FORMAÇÃO

Élida Monick de Freitas Sobral Viana (CBNB)



Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos
e a prova das coisas que não vemos."

Hebreus 11:1



ENTRE SONHOS, DESAFIOS E CONQUISTAS: REFLEXÕES SOBRE MEU PERCURSO DE FORMAÇÃO

Me chamo Élide Monick de Freitas Sobral Viana. Nasci em uma família humilde no Estado de Natal, no Rio Grande do Norte. Sou a filha mais velha da Eliziete e do Gilson. Tenho Três irmãos e uma irmã. A história da minha família é bem parecida com a de tantas outras do interior do Brasil. Meu pai começou a trabalhar cedo para prover o próprio sustento e de sua família e não conseguiu concluir os estudos. Minha mãe fez magistério, porém não exerceu a profissão para cuidar dos filhos.

Minha trajetória educacional começou em 1991 na Escola Municipal Amélia Teodolina de Melo, localizada na cidade de Tangará, Rio Grande do Norte. Cursei a classe de alfabetização e a primeira série do antigo Primeiro Grau. Não tenho lembranças dessa unidade escolar.

No ano de 1993, minha família mudou-se para Natal e fui matriculada na Escola Municipal Laura Maia localizada na Praia do Meio. Segundo relatos da minha mãe, a escola me promoveu para a terceira série devido ao conhecimento que eu já havia adquirido. Nessa escola também tive a rica oportunidade de participar do grupo de dança folclórica Pastoril, caracterizada pelo teatro, cantorias e danças que relatam a história do nascimento do menino Jesus através das jornadas das pastoras de Belém. Essa manifestação cultural surgiu na Idade Média em Portugal e foi trazida ao Brasil na época da colonização. Hoje, é uma das principais festas populares do Nordeste.

A escola era o meu lugar favorito. Onde os sonhos pareciam ser possíveis. Lembro claramente o nome da minha professora e de um presente que ela teceu para mim. Professora Luzia, cabelos curtos, usava óculos e tinha um sorriso reconfortante. Quando meus pais decidiram mudar para o Rio de Janeiro, ela teceu uma blusa roxa em tricô para que eu guardasse uma lembrança dela.

Figura 1: primeiro ano de escolaridade na escola pública.



Fonte: arquivo pessoal da autora

Em dezembro de 1993, meu tio que era militar da Força Aérea Brasileira, conseguiu o embarque da minha família para a cidade de Queimados, localizada na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Uma nova jornada estava por vir. Mudança de território, outros costumes, dialetos, círculo social, escola, familiares.

O primeiro choque foi a barreira cultural. Meu sotaque nordestino chamava muita atenção. Algumas coisas tinham outros nomes. Dindim em Natal, tinha nome de sacolé aqui no Rio, confeito era bala, pelota era pirulito e por aí vai.

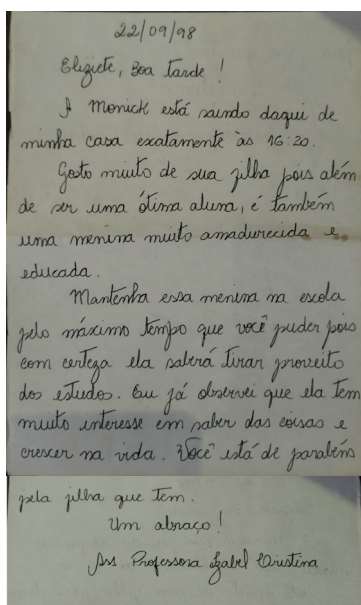
O ano de 1994, foi inesquecível para os brasileiros. Morre Ayrton Senna, a seleção brasileira ganha o tetra, o Plano Real foi lançado e eu fui matriculada na Escola Municipal Batista Ponte Preta para cursar a terceira série do primeiro grau. Era uma escola enorme, com escadas e rampas, construída no alto de um morro. O acesso era pela rua dos fundos que não tinha pavimentação. Quando chovia, minha mãe colocava sacolas nos meus pés para que eu não sujasse os calçados. A escola era muito longe da minha residência. Eu acordava muito cedo para chegar no horário. A escola sempre foi um lugar maravilhoso para mim. Dois passeios me marcaram muito nessa escola: a fábrica da Coca-Cola e a visita guiada ao Horto Municipal da Cidade. Foi uma experiência inesquecível.

Sempre percebi a educação como o caminho próspero que me ajudaria a ter uma vida melhor. Eu queria ter uma profissão para ter dinheiro e comprar uma casa para os meus pais, roupas e calçados novos para meus irmãos, biscoitos, achocolatado, iogurte, coisas que eu tinha vontade de comer, mas meus pais não tinham condições para comprar. Também queria dar

muito orgulho para minha família. Esses eram os meus objetivos aos 8 anos de idade.

No ano de 1995 ingressei na quarta série, no Colégio Estadual Dom João VI e lá concluí o Primeiro Grau. Conheci professores que se tornariam colegas de profissão. Mantive meu nome no quadro de honra ao mérito enquanto estive nesse colégio. Era o que eu poderia dar à minha família naquele momento. Recordo ter tido uma professora de Língua Portuguesa que me levava para a sua casa e me aulas extras. Ela também emprestava diversos livros para que eu pudesse ampliar meu repertório de leitura. Guardo com carinho o seguinte bilhete que essa professora escreveu para minha mãe:

Figura 2: bilhete da professora de língua portuguesa



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Eu gostava muito de participar de todas as atividades promovidas pelo colégio como exposições, apresentações, feiras culturais e desfiles em comemoração ao Dia 7 de Setembro. Recordo-me de ter participado de competições de conhecimentos gerais intercolégiais, de ter ganhado um concurso de desenho que representaria o logotipo da feira cultural e ter participado do grupo de teatro.

Nesse período, a convivência com as minhas amigas de infância e suas famílias, seria determinante para a escolha da minha profissão. Elas eram professoras e sempre me levavam para as festas e atividades da escola onde elas trabalhavam. Eu amava participar de tudo. Quando chegou a última série do primeiro grau, eu já sabia o que iria fazer e escolhi o Curso Normal.

No ano 2000 iniciei o Curso de formação de professores no Instituto de Educação Vereador Sebastião Pereira Portes, localizado em minha cidade. Lá estava eu com aquele uniforme impecável. Saía azul marinho com pregas, blusa branca com uma gravata azul, meias $\frac{3}{4}$, um sapatinho preto bem engraxado e um sonho. Percebi que eu “sempre fui alguém” e a escola potencializou aquilo que eu já carregava em mim. Realmente queria mostrar para outras crianças o potencial que elas já possuíam através da educação. Foram 4 anos de muito aprendizado. Conheci professores incríveis e fiz amigos para toda vida. Nesse período tive a oportunidade de realizar um estágio remunerado nessa escola.

No final de 2004, prestei o vestibular para o curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Nessa época, eu não tinha muito acesso à informação, uma amiga viu o meu nome na listagem da segunda reclassificação e me avisou. Fui à UERJ com o Professor Rogério, que me acompanha desde o primário, mas a data da matrícula já havia passado e perdi a oportunidade. Enfim, me formei no Curso Normal e comecei a colocar o currículo nas escolas da minha cidade. Precisava trabalhar para ajudar minha família e como não conseguia vaga para lecionar em nenhuma escola, estava disposta a começar alguma atividade laboral mesmo que não fosse na área da educação. Trabalhei por quatro anos em diversos lugares.

Em 2005 conheci Rafael Viana Neto o jovem com quem me casei em dezembro de 2007. Alguém que considero inteligente e esforçado, um incentivador nato.

Consegui meu primeiro emprego como Professora de Educação Infantil no ano de 2008, na Instituição Espírita Joanna de Ângelis. Um espaço filantrópico construído na zona rural da cidade vizinha que atendia crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Foram dois anos de muito aprendizado que marcaram significativamente o início da minha carreira.

O ano de 2010 foi memorável para minha formação e marcou o início de uma jornada de crescimento profissional e acadêmico. Em fevereiro desse ano, fiz um processo seletivo com três etapas (prova escrita, entrevista

e aula prática) para trabalhar como Auxiliar de Professor na Creche Fiocruz. Passei e foi maravilhoso. Aprendi toda a dinâmica envolvida no trabalho com essa faixa etária, a desenvolver projetos onde a criança era o sujeito ativo da aprendizagem e decidi que queria ser Professora de Educação Infantil.

Em junho, me inscrevi no vestibular novamente, mas dessa vez, na modalidade à distância. Consegui ingressar no curso de Pedagogia da UERJ através do CEDERJ. E, finalmente me formei conseguindo realizar esse grande sonho.

Em 25 de outubro, véspera do meu aniversário, a Prefeitura do Rio de Janeiro publicou o primeiro edital para Professor de Educação Infantil. Era a minha chance de realizar mais um sonho e me tornar servidora na área que eu escolhi. Encerrei meu contrato na Creche Fiocruz em dezembro, para ter tempo de me dedicar aos estudos. No ano seguinte, realizei a prova e passei. Eu ainda não estava acreditando, que havia alcançado a minha primeira matrícula.

Tomei posse no dia 30 de junho 2011. Nesse dia, mais precisamente na fila da posse, conheci a professora Mayara que se tornaria minha melhor amiga no trabalho e na vida. Comecei a trabalhar no Espaço de Desenvolvimento Infantil Rosenice Rocha Roque, localizada em Guadalupe.

Em abril de 2013, descobri que estava grávida da minha filha Maria Cecília. Estava no último ano da faculdade. Concluí meu curso de Pedagogia em novembro de 2013 e Maria nasceu em janeiro de 2014. Minha colação de grau teve que ser postergada devido ao período do puerpério, mas a missão foi cumprida e a maternidade me aguardava com todas as demandas específicas dessa fase. Após a licença maternidade, a professora retorna para a sua unidade escolar com uma nova aluna. Não fui a professora da minha filha, mas tive o privilégio de acompanhar o seu desenvolvimento e ver o quanto ela foi feliz nesse espaço pedagógico.

Em outubro de 2017, nasce meu filho caçula, Noah Levi e em outubro de 2018, retornei da licença maternidade com o meu filho para o EDI. Maria já estava matriculada em uma escola particular, pois essa unidade não tinha a Pré-escola. O tráfico havia deixado a localidade muito perigosa, foi a primeira vez que a possibilidade de pedir exoneração passou pela minha cabeça. Conversei com a direção do EDI e ela sugeriu que eu fizesse o concurso de remoção que me permitiria trocar de unidade.

No ano de 2019 comecei a trabalhar no Espaço de Desenvolvimento Infantil Noronha Santos, localizado em Ricardo de Albuquerque. Nesse EDI haviam turmas de Pré-escola (faixa etária de 4 a 6 anos) e apenas uma turma de Maternal II que já estava separada para mim. Como eu tinha o perfil, senti-me em casa. Eu realmente amava os menores.

O trabalho foi tão bom, que os pais dos alunos fizeram um abaixo assinado para que eu acompanhasse essa turminha. A direção da escola aceitou. Iniciamos o ano de 2020 com muita empolgação e entusiasmo, mas logo veio a terrível Pandemia da Covid-19. Todos foram obrigados a ficar em casa. Tivemos que nos reinventar. Como promover experiências de aprendizagem para crianças tão pequenas de forma remota? Como garantir que todos teriam acesso aos conteúdos produzidos? Esses foram dois dos inúmeros questionamentos que pairavam na minha mente naquele momento, além da angustiante preocupação em permanecer viva e manter minha família em segurança. Foi nesse cenário caótico, que precisei ressignificar a forma de ensinar e principalmente de ver a vida e valorizar cada momento.

Gravei diversos vídeos para os meus alunos e planejei atividades lúdicas que poderiam ser feitas em casa e que estimulavam a participação dos pais. A prefeitura também lançou a TV Rio Educa com aulas diárias para todos os seguimentos e cadernos didáticos. Foi surpreendente o retorno das atividades dessas crianças. Elas produziram vídeos e fotos das tarefas realizadas e postavam no facebook do EDI.

Figura 3: Gravação de atividades lúdicas para as crianças.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em 2021, as aulas retornaram com todas as regras sanitárias como distanciamento, máscaras, álcool em gel, etc. Momento desafiador e ao mesmo tempo estressante, pois cada semana uma professora testava positivo para Covid. Recordo que uma delas precisou ser entubada o que tornava o ambiente de trabalho desconfortável e inseguro. Mas com a chegada da tão sonhada vacina, o cenário de normalidade começou a se instaurar.

Decidi então resgatar o sonho antigo de ser militar e comecei a estudar para a Marinha do Brasil. Estudei e realizei todas as provas até completar a idade limite, porém não logrei êxito. Nesse período fiz uma pós-graduação em Gestão Pedagógica: Orientação /Supervisão e um MBA em Gestão de Processos Pedagógicos.

No ano de 2023 uma amiga que havia estudado comigo no preparatório militar, enviou o edital do Quadro de Oficiais Temporários da Força Aérea Brasileira. Fiz a inscrição e fui sendo aprovada em cada etapa do certame. Das centenas de pedagogas inscritas, só restaram 14. A primeira convocação foi em setembro/2023 e chamaram apenas 2 pedagogas. A listagem da segunda chamada foi publicada em janeiro/2024. Eu era a oitava na classificação das 12 que ainda não haviam sido convocadas. No dia da convocação apenas 11 pedagogas levaram a documentação final. No mês de fevereiro saiu a listagem final e chamaram mais 5 profissionais da educação. Como a sétima não compareceu, eu fui convocada. Foi simplesmente uma mistura de alegria, incerteza e medo de pedir exoneração de um cargo público para realizar um sonho que tinha prazo de validade. Então vesti-me de coragem, conversei com minha família e resolvi encarar a missão.

No dia 26 de fevereiro de 2024 iniciei o Curso de Formação de Oficiais e para mim foi uma vivência única que marcou a minha vida. A orientação que nós recebemos foi para que estudássemos para poder escolher a organização militar onde iríamos servir. E foi isso que eu fiz de forma incansável até garantir a posição 01 das pedagogas. Quando saiu a listagem com as vagas, eu escolhi o Colégio Brigadeiro Newton Braga. Dia 26 de abril de 2024, tornei-me Aspirante a Oficial da FAB.

Figura 04: Formatura para Aspirante da FAB



Fonte: Arquivo pessoal da autora

No dia 29 de abril de 2024, iniciei uma nova etapa da minha carreira profissional no CBNB. Atualmente faço parte da equipe de gestão pedagógica do Fundamental I. Como Segundo Tenente, Chefe da Seção de Orientação Educacional desse segmento, estou tendo a oportunidade de aprender as especificidades desse cargo e de ampliar minha experiência profissional com o suporte de uma equipe de trabalho incrivelmente capacitada. Sou integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes das Escolas Assistencialistas da FAB, coordenado pela querida Professora Dra. Jussara Cassiano Nascimento. Nesse grupo temos a oportunidade de compartilhar nossas práticas, de realizar diversos cursos e produções acadêmicas como por exemplo, escrever artigos e fazer parte da publicação de livros como este. Agradeço especialmente à professora Dra. Jussara pelo acolhimento, inspiração e por também fazer parte das minhas Memórias de Formação, ajudando-me a escrever os próximos capítulos da minha história...